

A SENSIBILIDADE NA MEMÓRIA DE POETAS NEGROS CATARINENSES: A LITERATURA COMO LUGAR DE RESISTÊNCIA

SENSITIVITY IN THE MEMORY OF BLACK POETS FROM SANTA CATARINA: LITERATURE AS A PLACE OF RESISTANCE

LA SENSIBILIDAD EN LA MEMORIA DE LOS POETAS NEGROS DE SANTA CATARINA: LA LITERATURA COMO LUGAR DE RESISTENCIA

Maeles Carla Geisler

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação

Instituição: Universidade de Blumenau (PPGE/FURB)

E-mail: mcgeisler@furb.br

ORCID: <https://orcid.org/000-00002-3791-440X>

Marta Helena Cúrio de Caetano

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação

Instituição: Fundação Universidade Regional de Blumenau (PPGE/FURB)

E-mail: mhelena@furb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5340-5525>

RESUMO: A literatura negra brasileira enfrentou diversos obstáculos para que suas obras tivessem o reconhecimento como produção artística de valor intelectual, em especial se tratando de escritoras. Acompanhando os movimentos antirracistas e feministas a literatura negra desde suas primeiras obras utiliza a palavra como ato de resistência contra o racismo fazendo ecoar essas vozes silenciadas no processo de dominação dos povos de origem africana. Essa pesquisa é o resultado da análise de duas obras de poetas negros catarinenses contemporâneos Iratan Curvello com "Olhar negro" e Edenice Fraga com "Traços de Antonieta". Ambos assumem sua raça e cor e utilizam de sua poesia para referenciar outros escritores negros militantes da causa abolicionista e da luta contra o preconceito racial. Os poemas têm elementos que fazem menção a tradição oral africana, denunciam as feridas herdadas da escravidão e retratam a mulher negra como guerreira exigindo visibilidade e direitos e também resiliente amparada pela fé. Mapeando os dizeres intrínsecos desses escritores abre-se para uma discussão sobre o lugar de fala de grupos subalternizados gerados no processo histórico do colonialismo e como a literatura negra aflora como um ato político trazendo as sensibilidades dos olhares negros.

Palavras-chave: Literatura Negra. Resistência. Memória. Identidade Racial.

ABSTRACT: Brazilian black literature faced several obstacles in order for its works to be recognized as artistic production of intellectual value, especially in the case of female writers. Following anti-racist and feminist movements, black literature, since its earliest works, has used words as an act of resistance against racism, echoing those voices silenced in the process of domination of peoples of African origin. This research is the result of an analysis of two works by contemporary black poets from Santa Catarina: Iratan Curvello with "Olhar negro" (Black Gaze) and Edenice Fraga with "Traços de Antonieta" (Traces of Antonieta). Both embrace their race and color and use their poetry to reference other black writers who were activists in the abolitionist cause and the fight against racial prejudice. The poems contain elements that refer to African oral tradition, denounce the wounds inherited from slavery, and portray black women as warriors demanding visibility and rights, as well as resilient women supported by faith. Mapping the intrinsic words of these writers opens up a discussion about the place of speech of subalternized groups generated in the historical process of colonialism and how black literature emerges as a political act, bringing the sensibilities of black perspectives to the fore.

Kerwords: Black Literature. Resistance. Memory. Racial Identity.

RESUMEN: La literatura negra brasileña ha tenido que superar varios obstáculos para que sus obras sean reconocidas como producción artística de valor intelectual, especialmente en el caso de las escritoras. Siguiendo los movimientos antirracistas y feministas, la literatura negra, desde sus primeras obras, utiliza la palabra como acto de resistencia contra el racismo, haciendo eco de esas voces silenciadas en el proceso de dominación de los pueblos de origen africano. Esta investigación es el resultado del análisis de dos obras de poetas negros contemporáneos de Santa Catarina: Iratan Curvello con «Olhar negro» y Edenice Fraga con «Traços de Antonietta». Ambos asumen su raza y color y utilizan su poesía para hacer referencia a otros escritores negros militantes de la causa abolicionista y de la lucha contra el prejuicio racial. Los poemas contienen elementos que hacen referencia a la tradición oral africana, denuncian las heridas heredadas de la esclavitud y retratan a la mujer negra como una guerrera que exige visibilidad y derechos, pero también como una mujer resiliente, sostenida por la fe. Al mapear las palabras intrínsecas de estos escritores, se abre un debate sobre el lugar de expresión de los grupos subalternizados generados en el proceso histórico del colonialismo y cómo la literatura negra surge como un acto político que aporta la sensibilidad de las miradas negras.

Palabras clave: Literatura Negra. Resistencia. Memoria. Identidad Racial.

1 INTRODUÇÃO

Representamos a cultura através da linguagem (Hall, 2016). A leitura de um texto literário faz a conexão entre dois mundos, o real e o imaginário. A forma de expressão desses dois lados se manifesta espelhado no texto, cabe ao leitor com seu conhecimento e sua subjetividade interpretá-lo, senti-lo, desmistificá-lo. Várias experiências de leitura se somam, se misturam. Segundo Hall (2016, p.21) “damos sentido às coisas pelo modo como as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas”. Cuti (2010, p. 12) considera que a “literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação”.

Na construção da identidade afro-brasileira, sua cultura foi reconceitualizada “a partir do sentimento de sua desterritorialização” (p. 22) e de criar veículos “de consolação através da mediação do sofrimento” (p. 13). Nesse processo “a arte se tornou a espinha dorsal das culturas políticas dos escravos e de sua história cultural” (p. 130) (Gilroy, 2001). Para Hall (2016, p.43):

Pertencer a uma cultura é pertencer, grosso modo, ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele.

A expressão cultural dos negros permeia entre sensibilidades comuns herdadas da África e geradas da escravidão. Relações sociais de subordinação racial na qual os negros durante “muito tempo foram coagidos ao analfabetismo” (Gilroy, 2001 p. 244).

No cenário literário brasileiro as obras de escritores negros ganham protagonismo nas últimas décadas do século XX utilizando a palavra como forma de resistência na luta contra o racismo. As primeiras obras surgiram no final do século XIX atuando em prol da abolição da escravatura em que se destacam Luiz Gama, Cruz e Souza, Lima Barreto (Cuti, 2010) e Maria Firmina dos Reis com o romance “Úrsula” (1859) considerada a primeira escritora mulher a escrever um romance abolicionista no Brasil (Evaristo, 2009).

A produção literária negra brasileira afirma um “contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica” (p. 27). São textos que trazem as experiências de negros e como no romance “Quarto de despejo” (1960) de Carolina Maria de Jesus se pautam por discussões da subalternidade trazendo ao foco sua condição de negra, favelada e de pouca instrução escolar (Evaristo, 2009).

Escrever tem a força de mudar a condição de objeto para sujeito que pode transformar sua realidade, tornar-se narrador da sua própria história, “escrever, portanto, emerge como um ato político” (Kilomba, 2019, p. 28). Vozes silenciadas pelo projeto colonial se manifestam expondo a violência da suposta superioridade branca. “Quem calou/ não consentiu/ teve é medo” (Alberto, 1982, p. 34 apud Cuti, 2010, p. 47).

O discurso na literatura brasileira ignora a trajetória dos africanos e de seus descendentes no Brasil (Evaristo, 2009). Quando mencionados reproduzem o olhar do colonizador atribuindo estereótipos aos negros. De acordo com Dalcastagne (2008, p. 87-110) citada por Evaristo (2009, p. 20) “a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca”, resultado da análise de publicações de três grandes editoras dos 258 romances publicados entre 1993 e 2008.

Podemos citar alguns escritores negros catarinenses contemporâneos como José Endoença Martins, Solange Adão, Giselle Marques, Marcos Canetta Ruffino, Jurandy de Arruda Neto, Rodrigo Domingos, Adir Pacheco, Jorge da Rosa, Hang Ferrero, Samuel da Costa e Ricardo Moisés. Dentre esses estão também dois poetas os quais serão analisados com a obra “Olhar negro” de Iratan Martins Curvello e “Traços de Antonieta” de Edenice Fraga, ambos catarinenses e negros. Após desenvolver uma reflexão dos poemas e dos contos dos livros será traçado pontos em comum tendo a memória como uma dimensão do sensível que está tanto na luz como na sombra dessas obras.

2 OLHAR NEGRO DE IRATAN CURVELLO: MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA

“Em vida, tudo me foi negado/Por preconceito extremo e racismo puro/Porque a cor da minha pele não era alva/Suportei calado tamanha dor/E convivi de perto com a pobreza e a loucura” (Curvello, 2018 p. 28). Esse verso é a primeira estrofe do poema “Emparedado” do livro “Olhar negro” de Iratan Curvello publicado pela editora blumenauense Amoler em 2018. O poema faz referência a obra de Cruz e Souza que leva o nome de “Emparedado” e que segundo Cuti (2010, p. 70) é uma obra que “enumera “egoísmos, preconceitos, ciências e críticas, despeitos e impotências”, os ingredientes do racismo”. E é nesse olhar que o poeta constrói seus poemas: nas obras e na história de outros poetas negros.

Natural de São Francisco do Sul – Santa Catarina, Iratan Curvello é graduado em direito atuando como escritor, poeta, declamador, ceremonialista, ator e artista plástico. É membro da Academia de Letras do Brasil, seccional de Florianópolis e “Olhar negro” é seu primeiro livro constituído por 47 poemas. Atualmente reside em Florianópolis e nas artes transita entre as palavras, a pintura e a atuação.

A poesia de Iratan se desenvolve tendo como pauta poetas negros brasileiros como Cruz e Souza, Luis Gama, Alzemiro Vieira, seu trabalho e sua família. Poemas marcados com o tom de narrativas contam a trajetória dos negros com o horror da escravidão e denunciam as cicatrizes desse processo com suas violências de dominação vindas do colonialismo. Nas palavras de Evaristo (2009, p. 9) a poesia se constitui “como uma estratégia de luta, tornando-se um dos lugares de confronto entre colonizados e colonizadores”.

Usei o meu saber literário
Para satirizar a aristocracia
Meu romantismo marcou seu tempo
Fiz dos poemas romancistas
A minha arma mais feroz
Para combater o horror da escravidão

E dar voz ao movimento da abolição

Minha alma era meu tesouro
Consolei, libertei, mais de mil escravos
E me exauri no próprio ardor
Fui à luz de um candeeiro
Para quem vivia na escuridão
E me entreguei de corpo e alma
Morri em 24/08/1882 sonhando com a abolição
(Curvello, 2018, p. 34)

Nessas estrofes do poema “O advogado dos escravos” é relatado a vida de Luiz Gonzaga Pinto da Gama, poeta e abolicionista do século XIX. O poema tem elementos que o remete “à poesia oral, fundamento das culturas tradicionais africanas” (Evaristo, 2011, p. 9), que contam histórias passadas de geração em geração. A cultura da tradição oral dos negros está presente em seus poemas que se assemelha a narrativas em prosa, trazendo ao leitor uma linearidade na história, inclusive incluindo datas.

Em Olhar Negro aparecem poemas que relatam acontecimentos e que se mudássemos a estrutura dele para a prosa continuaria com mesmo sentido, como em “Reverência à Cruz e Souza”:

“João da Cruz e Souza”
Nasceu no dia 24 de novembro de 1861
Dia de São João da Cruz
Aqui na Nossa Senhora do Desterro
Então Capital da Província de Santa Catarina
(Curvello, 2018 p. 24)

Na maioria dos povos africanos a tradição oral é a grande escola. “O contador de história, nessa tradição, é um mestre, um iniciador da criança, do jovem e até do adulto.” São contadas e recontadas histórias míticas para encaminhar os sujeitos em sua vida de convivência, em sua possibilidade de livre arbítrio. “Nas culturas africanas tudo é “História” (Machado, 2006, p. 79). “A milenar arte da oralidade difunde as vozes ancestrais, procura manter a lei do grupo, fazendo-se, por isso, um exercício de sabedoria” (Padilha, 1995 p.15 apud Machado, 2006, p. 80).

A memória tem um lugar de grande relevância nas sociedades africanas, pois se apoiava na transmissão continuada de histórias (Machado, 2006). Em “Reverência à Cruz e Souza” e “O advogado dos escravos”, assim como em outros poemas do autor há a presença forte da oralidade. Toni Morrison em uma entrevista para Paul Gilroy em “*Living Memory*” (1993) citada por Gilroy (2001, p. 414) alerta sobre a ausência de passado nas culturas herdeiras do ocidente, “esta cultura não encoraja alongar-se na verdade sobre o passado, muito menos acertar contas com ele. Essa memória está hoje muito mais em perigo do que estava trinta anos atrás”.

Escritores negros brasileiros revelaram “a vontade coletiva de traçar uma vertente” que os identifique reforçando sua identidade racial (Cuti, 2010 p. 123). Um movimento que aproxima seus pares,

não um ato isolado de um escritor, mas uma voz que os represente. Para Fanon (2008, p. 95) “o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir”. Reexistir do projeto de sociedade “pelo qual certas identidades são criadas dentro da lógica colonial” (Ribeiro, 2020, p. 30).

As feridas do racismo, “ferida que nunca cicatrizou” (Cunha; Martins, 2020 p. 83) é denunciado no poema “Ainda existem”:

Ainda existem
 Muitas feridas abertas
 Que nem o mais puro bálsamo
 Conseguiu cicatrizar

Ainda existem
 Muitas Senzalas por aí
 Que nem mesmo o tempo
 Conseguiu fechar

Ainda existem
 Muitos Palmares
 Que nem a mais brutal força humana
 Conseguiu exterminar

Ainda existem
 Muitos outros guerreiros iguais a Zumbi
 Que resistem ao tempo e estão na luta
 Para liberdade conseguir
 (Curvello, 2018, p. 53)

O olhar para essas feridas e transpõe-las para a escrita é necessariamente evidenciar porque “dizer-se implica revelar-se e, também, revelar o outro na revelação com que se revela” (Cuti, 2010, p. 51). Os dois lados expostos nas Senzalas que ainda existem e que revelam a Casa grande ambos refletidos na realidade social e política do país. Para Grada Kilomba racismo “é a combinação do preconceito e do poder” (2019, p. 76). Esse poema discute o trauma das consequências psicológicas sofridas como “o trauma histórico coletivo da escravização e do colonialismo reencenado e reestabelecido no racismo cotidiano” (Kilomba, 2019, p. 2014).

A luta pela liberdade dos corpos negros sob os olhares brancos e os esforços “dos negros contemporâneos em provar ao mundo branco, custe o que custar, a existência de uma civilização negra” (Fanon, 2008, p. 46) e superar seu sentimento de inferioridade. A existência de outros Palmares em que o povo negro se refugia para lutar em que unidos por sensibilidades comuns se fortificam.

Os poemas de Iratan dividem-se entre força de denúncia e resistência e entre seus olhares do cotidiano que manifestam a presença dos amigos e da família. Relatam poeticamente um pouco da sua trajetória, da definição do amor, da felicidade, de acontecimentos da vida do escritor. Sempre nessa voz poética de narrativa:

Um dia vim de São Francisco do Sul
Do interior do nosso amado estado
Jovem e cheio de sonhos
Enfrentando os meus desafios
E abrindo o meu caminho
Aqui achei meu ninho
(Curvello, 2018, p. 68)

A continuação dos versos segue esse mesmo ritmo em contar a história, sua trajetória trazendo a luz suas memórias. Em outros poemas descreve relações familiares com seus pais, irmãs e tias e sua relação com a fé, gratidão e esperança. O “Olhar negro” é um olhar para dentro e fora fazendo esse movimento de levar a superfície sensibilidades que são comuns aos negros como “que eu não sinta nos olhares/a diferença que muitos fazem/apenas pela distinção da cor/de negar o meu valor” (Curvello, 2018, p. 52), se referindo ao medo da discriminação.

3 TRAÇOS DE ANTONIETA: O LUGAR DO FEMININO NEGRO

“Ah! Professora Antonieta/ na sociedade obsoleta/marcada pela escravidão/galgaste com sol a pino/o caminho que o ensino/te fez deputada... então” (Fraga, 2018, p. 31). A poeta Edenice Fraga tem em sua obra “Traços de Antonieta” uma homenagem à Antonieta de Barros, professora, escritora e primeira mulher deputada estadual em Santa Catarina. Antonieta de Barros publicou em 1937 “Farrapos de Ideias” e era cronista escrevendo para revistas e jornais.

Edenice Fraga é natural de Florianópolis, Tenente Coronel da Reserva Remunerada da Polícia Militar, membro da Cultive-Association International D’Art, Littérature Et Solidarité – Intercâmbio Brasil e Suíça, membro da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes e membro do Grupo de Poetas Livres. É poeta, contista, declamadora e membro imortal da Academia de Letras dos Militares Estaduais de Santa Catarina. Participou de várias coletâneas em especial Cadernos Negros CN40. Publicou “Pássaro sublime” em 2015, em 2018 “Traços de Antonieta” contendo poemas e contos, em 2020 “Euuento com um conto: a história do escravizado” e recentemente em 2021 “Mulheres da lua” livro de poemas.

O livro homenageando a professora e escritora Antonieta de Barros traz 13 poemas, 6 contos e um miniconto. Os poemas transitam entre temas relacionados ao empoderamento da mulher e da mulher negra, a mulher no trabalho, na família, como mãe. Abordam também a fé, o amor e a escravidão. Observa-se na poesia de Edenice a preocupação com o engajamento na luta contra o preconceito racial e as marcas que o racismo tem delineado na história:

Eu te tenho, África minha
Gravada na minha mão
Eu te tenho como rainha,
Meu choro rega teu chão.
Parto como a andorinha,
Que procura o melhor verão.

Eras bela rica em fulgores
Antes do colonialismo
Mas chegaram ditos senhores
Espalhando dor e racismo.
Mataram filhos e genitores
Com o ácido fel do fascismo
(Fraga, 2018, p. 81)

Nas palavras de Edenice “o colonialismo deixou marcas, que serão um dia superadas, mas jamais esquecidas” (2018, p. 80), é a frase que abre o poema acima citado “Diáspora africana”. É enfatizado a importância da memória, pois “jamais esquecidas”, mas também coloca a fé no por vir para que um dia sejam superadas. Em “A história do escravizado no Brasil” “o negro com grilhões era açoitado/forçado a servir a um dono e seu senhor” (Fraga, 2018, p. 77) traz ao presente as humilhações sofridas pelo povo africano.

A presença da mulher negra e seu olhar sobre o mundo compõe a obra da escritora. Os enfrentamentos diários e a simplicidade de existir. De acordo com Djamila Ribeiro (p. 60) “uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta da sua localização social, vai experenciar gênero de outra forma”. Para Bell Hooks (2017) a teoria feminista hegemônica não representa as mulheres negras subjugadas pelo racismo como descreve Sueli Carneiro:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados (Carneiro, 2020, p. 2).

O ato de fala de uma mulher negra rompe com o estigma de sua voz recolhida em silêncios por uma sociedade machista e sexista. Não por acaso Antonieta era professora “no século XX, uma das atividades intelectuais exercidas pelas mulheres foi a docência no então chamado ensino primário” (Souza, 2018, p. 93). Antonieta de Barros faz parte do grupo de primeiras mulheres negras a escreverem textos literários no Brasil, junto com Maria Lucia de Barros Mott, Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz, Tereza Margarida da Silva e Orta, Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza, Gilka Machado e Carolina Maria de Jesus (Souza, 2018).

Durante muito tempo os textos de autoras negras foram considerados pelos críticos sem valor literário. Suas vozes não autorizadas constituem-se um epistemicídio segundo Sueli Carneiro (apud Souza 2018, p. 95) por anular e desqualificar o conhecimento do povo africano. A literatura produzida por mulheres negras “é atravessada pela alteridade, pela posicionalidade de sua classe social, raça e cor, pelos

efeitos históricos que marcaram e teimam em se fixar na sua contemporaneidade” (Cunha; Martins, 2020, p. 74). Um caminho que foi aberto pelas escritoras pioneiras inclusive Antonieta de Barros tema do livro de Edenice Fraga que conta a história da escritora no prefácio e abre o livro com o poema “Eterna professora Antonieta de Barros” dedicado a ela:

Ah! Professora Antonieta,
 na sociedade obsoleta
 marcada pela escravidão,
 galgaste com sol a pino
 o caminho que o ensino
 te fez deputada... então.

Mulher negra obstinada
 engoliste o pó da estrada,
 mas não deixaste de chegar,
 ao lugar que te pertencia,
 pois lá do céu Deus te ouvia,
 quando pedias forças pra lutar.
 (Fraga, 2018, p. 31)

Os poemas de Fraga enaltecedo a força e a sensibilidade da mulher. É um pedido de unir forças para combater o racismo. “Mãe negra, educa o teu filho dizendo a ele: não deixa que pela tua cor tirem a tua liberdade de sonhar e conquistar o teu espaço” (Fraga, 2018, p. 74). O livro tem essas frases soltas anunciando um novo poema que virá na próxima página.

Nos contos “Ana da Conceição” e “As cartas de Chica da Lapa” a autora relata ambas histórias de dificuldades financeiras de famílias negras descendentes de escravos que depois foram alforriados. Dois contos destacando a fortaleza da figura feminina e tomando voz para registrar o passado da escravidão. “Os teus avós, minha filha, eram negros escravizados libertos, que não receberam nada dos seus senhores, muito menos o direito à educação. Eu dei tudo de mim para te dar o que eu não tive, pois herdei a herança da escravidão” (Fraga, 2018, p. 106), trecho do conto “As cartas de Chica da Lapa”. No outro conto de “Ana da Conceição” a personagem é “filha de negros africanos escravizados, e depois alforriados no Brasil, “...enviuvou precocemente e com muita dificuldade criou seis filhos na farinha de mandioca, com o peixe do rio de água doce e as frutas e verdes do quintal” (Fraga, 2018, p. 85). Esses dois textos muito expressivos na voz feminina evidenciam a condição de mulher negra, descendente de escravos que luta, mas que também é resiliente e se apoia na fé. Nos conselhos de vó Ana em “Ana da Conceição” fica evidenciado a crença como fator primordial da vida “faz a tua parte, minha neta, tenha fé, e deixe a água do rio passar” (Fraga, 2018, p. 86) e a presença da fé católica, “na salinha pequena, um altarzinho feito de várias pedras do rio rigorosamente sobrepostas, para suportarem o peso da imagem de nossa Senhora da Conceição” (p.87).

Nos poemas as mulheres de “Traços de Antonieta” também são marcadas pela presença da fé, pela crença religiosa em Deus. Em “Eterna professora Antonieta de Barros” (Fraga, 2018, p. 33) encontra-se a

Conhecimento em Rede: explorando a multidisciplinaridade –
 2ª edição

figura de Deus (p. 31) “...pois lá do céu Deus te ouvia” e dos anjos, “...na história a mestra repousa, /mas a ensinar anjos continua, /pois, vi no alto celeste lousa...”, assim também em “Artesã”, (Fraga, 2018, p. 56) “Ah, artesã! Eu sonhei um dia/que os anjos teciam com Maria” e em “A mãe policial” (p. 44) no trecho “Diz que também, pediu a Deus que em sua ausência, / cuidasse do seu lar e protegesse o seu filho”. Em sua poesia existe um ser superior que guia, protege e traz sabedoria.

4 A DIMENSÃO SENSÍVEL EM OLHAR NEGRO E TRAÇOS DE ANTONIETA: IDENTIDADE RACIAL

Hall (2006, p. 139) traz o conceito de “espetáculo do “outro”” para a compreensão dos estereótipos formados nas culturas com suas práticas representacionais para representar a diferença. No caso da cultura popular ocidental marcando a diferença racial, fato vivenciado nas imagens publicitárias, na mídia, jornais e revistas. Stuart Hall (2006, p.140) considera “estratégias que visam intervir no campo da representação, contestar as imagens “negativas” e direcionar as práticas representacionais sobre “raça” para um caminho mais “positivo”. Contestando vários estereótipos dos negros na nossa cultura, exigindo espaço no campo das artes e da ciência os negros demonstram a cada conquista como pode ser “positiva” as diferenças culturais existentes. De acordo com Fanon (2008, p. 59) “o problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade”. Tanto “Olhar negro” como “Traços de Antonieta” têm como base de seus livros homenagear personalidades negras que ainda atuam como sujeitos políticos no corpo social. É uma forma de resistência contra o racismo moderno que “nega aos negros como pessoas com capacidades cognitivas e intelectuais” (Gilroy, 2001, p. 40).

Há uma “necessidade urgente de se fazer com que as expressões culturais, as análises e histórias negras sejam levadas a sério nos círculos acadêmicos” (Gilroy, 2001, p. 40). A sensível questão da memória subentendida nas duas obras traz o passado ainda muito presente e um passado, uma história que muitos ignoram por ser conveniente. Segundo Benjamin (1987, p. 223) “somente a humanidade redimida poderá apropiar-se totalmente do seu passado”. Gilroy (2001, p. 126) defende uma reconstrução da “história primordial da modernidade a partir dos pontos de vista dos escravos”. Pensar em lugar de fala questionado por Djamila Ribeiro porque a história é contada por aquele que pode manifestar a palavra que é legitimada pela sociedade:

Pensar em lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta. Há pessoas que dizem que o importante é a causa, ou uma possível “voz de ninguém”, como se não fôssemos corporificados, marcados e deslegitimados pela norma colonizadora. Mas, comumente, só fala na voz de ninguém quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade (Ribeiro, 2020, p. 90).

Iratán Curvello e Edenice Fraga desnudam seus corpos negros na sua poesia, em cada palavra, expressão vive o universo do olhar que descende da África com suas particularidades intrínsecas em sua história e “há um corpo-escrita que procura e deseja materializar uma mudança real na sociedade, deseja romper com os silenciamentos” (Cunha; Martins, 2020, p. 90). Escritores que estão na gigantesca tarefa “da reconstrução do “eu” coletivo que teve sua humanidade estilhaçada pela escravização de pelo racismo” (Cuti, 2010, p. 71).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de literatura negra no Brasil vem crescendo nos últimos anos e tem-se observado esse movimento seguindo movimentos feministas e antirracistas. Santa Catarina faz parte dessa expressão literária latente e urgente, que é impossível de conter, pois visceral e acompanha outras formas de expressão artísticas negras. Escritores que encontram na literatura “um caminho aberto para reconhecer a si mesmo, por meio da purgação da histórica humilhação sofrida e do expurgo de seus fantasmas criados pela discriminação racial” (Cuti, 2010, p. 75). E esse reconhecimento não os isola, mas os une reforçando sua identidade racial (Cuti, 2010).

Em “Olhar negro” o passado está muito presente, sendo na memória dos relatos de outros escritores negros falando sobre vida e obra ou do relacionamento com os familiares e amigos. Ele traz a poesia na simplicidade do seu olhar expondo seus anseios e suas crenças. Traz suas referências de escritores que o representam para dentro de seu livro, narrando histórias através de poemas, expondo a ferida do preconceito racial, dos traumas da escravidão, da condição de negro com medo de continuar a ser vítima de racismo. Para Cuti (2010, p. 71) “dizer-se negro e posicionar-se como tal no âmbito do texto é importante no contexto da literatura brasileira”. Posicionar-se antes de tudo é uma atitude de resistência expondo raça e cor marcados por silenciamentos.

“Traços de Antonieta” traz a expressão do feminino negro homenageando outra escritora negra pioneira no país, traçando em sua poesia os desafios cotidianos de ser mulher e negra. A personagem de Edenice é sempre forte, sábia e resiliente mesmo em suas lutas, deixando muito claro sua fé religiosa. Aborda temas que envolvem a escravidão, o analfabetismo, a luta pela liberdade já conquistada, mas com suas mazelas como herança “pois herdei a herança da escravidão” na voz de Francisca Paula da Lapa no conto “As cartas de Chica da Lapa” (Fraga, 2018, p. 106). As mulheres negras guerreiras e resilientes que aparecem na obra de Edenice são um retrato de como essas mulheres são enxergadas, nas palavras de Sueli Carneiro (2020) elas nunca foram tratadas como frágeis e sim “que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca” (p. 2).

Iratán Curvello e Edenice Fraga são dois escritores negros catarinenses que compõe o quadro na literatura negra do Brasil trabalhando em sua poesia e em seus textos a realidade na qual estão inseridos o povo afrodescendente. Eles assumem sua identidade de raça e cor. Em suas obras é retratada a dimensão profunda das feridas da escravidão e os conflitos dos descendentes de escravos como o racismo. É uma voz de resistência de uma raça vítima do epistemicídio e que precisa ser ouvida e legitimizada.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Paulo Sérgio Rouanet. 3º ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Disponível em: <https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/10/obras-escolhidas-vol-1-magia-e-tc3a9cnica-arte-e-polc3adtica.pdf>. Acesso em 12 nov. 2020.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. NEABI. Universidade Católica de Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em 11 out. 2021.
- CUNHA, Rubens da; MARTINS, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira. Mornas eram as noites e Mulheres sagradas: uma travessia transatlântica entre Dina Salústio e Aidil Araújo Lima. Revista Criação & Crítica, n. 27, p. 72-94, 2020. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171766>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- CURVELLO, Iratan Martins. Olhar Negro. Blumenau: Editora Amoler, 2018.
- CUTI (Luiz Silva). Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, v. 13 n. 5, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em 13 nov. 2020.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.
- GILROY, Paul. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. 1º ed. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- HALL, Stuart. Cultura e representação. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed Puc Rio, 2016.
- HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2º ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MACHADO, Vanda. Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de estudos afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829041615/pdf_257.pdf. Acesso em 3 jun. 2021.
- RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- SOUZA, Florentina. Contemporaneidades periféricas: Mulheres negras escritoras. Salvador: Segundo Selo, 2018.